



**Eis
que venho
fazer a tua
vontade!**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Bonino, Serge-Thomas

Eis que venho fazer a tua vontade! : discernindo a vontade de Deus / Serge-Thomas Bonino ; tradução de Christian Dino Batsi. - São Paulo : Paulus, 2026.

ISBN 978-85-349-6615-3

Título original: *Voici, je viens pour faire ta volonté!*

1. Vida cristã 2. Espiritualidade I. Título II. Batsi, Christian Dino

26-1780

CDD 248.4

Índice para catálogo sistemático:

1. Vida cristã

SERGE-THOMAS BONINO

Tradução: Pe. Christian Dino Batsi, ssp

Eis que venho fazer a tua vontade!

DISCERNINDO A VONTADE DE DEUS



Todos os direitos reservados pela Paulus Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

IMPRIMI POTEST

Roma, 13 de fevereiro de 2024

Gerard Francisco TIMONER III, o.p.

Mestre da Ordem dos Pregadores

Título original: *Voici, je viens pour faire ta volonté!*

© Les Éditions du Cerf, 2024

www.editionsducerf.fr

Direção editorial

Pe. Jakson Ferreira de Alencar

Gerência editorial

Elisa Zuigeber

Revisão

Tiago José Risi Leme

Carlos Antônio Maia

André Odashima

Design

Alicia de Sousa Camelo

Imagem da capa

Getty Images

Impressão e acabamento

PAULUS

1ª edição, 2026



Conheça o catálogo **PAULUS**
acessando: paulus.com.br/loja,
ou pelo QR Code.

Televendas: (11) 3789-4000 /
0800 016 40 11

© **PAULUS - 2026**

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091

São Paulo (Brasil)

Tel.: (11) 5087-3700

paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

ISBN 978-85-349-6615-3

ÍNDICE

Prefácio.....	7
Introdução	9
I. A vontade em Deus	19
1ª Reflexão	
A vontade de Deus e seu objeto.....	23
2ª Reflexão	
O mistério, desdobramento da vontade salvífica de Deus	43
II. Discernir a vontade de Deus.....	49
3ª Reflexão	
Façam tudo para a glória de Deus.....	53
4ª Reflexão	
Dá-me a sabedoria.....	59
5ª Reflexão	
O conhecimento da vontade de Deus em geral	65
6ª Reflexão	
Os acontecimentos são nossos mestres.....	91
7ª Reflexão	
O chamado do irmão	101
III. Conformer-se à vontade de Deus	105
8ª Reflexão	
Colocar em prática	107

9ª Reflexão

Que tipo de conformidade à vontade de Deus?	113
--	-----

10ª Reflexão

O olhar simples: purificar a intenção.....	117
--	-----

11ª Reflexão

Fazer a vontade de Deus nas situações de conflito	127
--	-----

12ª Reflexão

Permanecer disponível à novidade de Deus	137
--	-----

13ª Reflexão

Estar sempre pronto a aderir à vontade de Deus na provação	151
---	-----

14ª Reflexão

Aceitar-se pecador?	161
---------------------------	-----

15ª Reflexão

Pela graça de Deus. Abandonar-se à Providência	165
---	-----

PREFÁCIO

Essas reflexões sobre a vontade de Deus retomam o conteúdo de um retiro que o autor pregou diversas vezes em diferentes comunidades religiosas, na França e na Itália. Portanto, elas trazem a marca de sua finalidade prática, assim como o estilo familiar e exortativo característico desse gênero literário. No entanto, sendo o autor dominicano, a “espiritualidade” aqui é inseparável da teologia, ou seja, da contemplação sapiencial do mistério de Deus, conduzida segundo a escola incomparável de São Tomás de Aquino. A teologia, por sua própria natureza, conduz à vida espiritual, a qual ela contribui para estruturar e da qual, por sua vez, a experiência a enriquece. O leitor, desejoso antes de tudo de nutrir essa vida espiritual, deverá, portanto, aceitar passar por

alguns desenvolvimentos teológicos, até mesmo metafísicos, que provavelmente julgará austeros, mas que o leitor mais teólogo, por sua vez, achará um pouco rápidos para o seu gosto. O que fazer? Diz-se que o maná no deserto era “capaz de satisfazer todos os gostos” (Sb 16,20). Que assim seja também aqui, com a graça de Deus.

Dedico este livro às guias veteranas do grupo Feu Nossa Senhora da Daurade (Toulouse), das quais fui capelão feliz por cerca de vinte anos e que, ainda hoje, honram-me com sua fiel amizade, junto com seus esposos e filhos. Em particular, expresso minha gratidão a Marie-Amélie Gavaille (Delbreil), Charlotte Poisson (Granel), Bénédicte Lafontan (Pauly) e tantas outras.

O autor.

Roma, 16 de novembro de 2023.

Memória litúrgica de Santa Gertrudes

INTRODUÇÃO

É por volta do meio-dia. No caminho que leva de Jerusalém a Damasco, Saulo é ofuscado e derrubado pelo Sol da justiça, o Cristo ressuscitado. De acordo com o segundo relato dessa conversão nos Atos dos Apóstolos (At 22,4-21) – pois há nada menos que três relatos desse evento no Novo Testamento, tamanha é sua importância!¹ –, Saulo, transformado, dirige duas perguntas àquele que lhe aparece. A primeira: “Quem és tu, Senhor?”. A resposta – “Eu sou Jesus, a quem tu persegues” (At 22,8) – entrega a Saulo a chave do mistério, ou seja, de todo o plano de salvação de Deus. Essa chave é a própria pessoa de Jesus de Nazaré, centro e ápice de toda a economia da salvação.

¹ At 9,1-19; 26,9-18 e também Gl 1,11-16.

A pregação de Paulo não fará senão explicitar o que já se encontra em germe nessa revelação fundadora, pela qual *“aquele que me separou desde o ventre materno e me chamou pela sua graça dignou-se revelar em mim seu Filho”* (Gl 1,15-16). Antes de tudo, Saulo compreende que Jesus de Nazaré, o Crucificado, aquele que, aos olhos dos seres humanos, era um marginal, “tornado ele mesmo maldição por nós, pois está escrito: ‘Maldito todo aquele que for suspenso no madeiro’” (Gl 3,13), é, na realidade, ou seja, aos olhos de Deus, o Justo por excelência. “Deus o constituiu Senhor e Cristo, esse Jesus que vós crucificastes” (At 2,36). Fica evidente, então, que não é a prática da Lei que nos justifica, isto é, que nos coloca na atitude “justa” diante de Deus, mas sim a fé em Jesus, o Messias crucificado (1Cor 1,23). “O homem não é justificado pela prática da Lei, mas unicamente pela fé em Jesus Cristo” (Gl 2,16). Além disso, Jesus se apresenta a Saulo como “aquele que ele persegue” (At 22,8). Ele se identifica, portanto, com aqueles discípulos que Saulo, cegado por um zelo desviado, persegue impiedosamente. Jesus Cristo e os que creem nele formam uma única realidade, um só corpo. A salvação pela fé em Jesus Cristo e a identificação dos crentes com o corpo “místico” de Cristo são verdades essenciais que constituirão o núcleo vital da futura pregação de São Paulo.

Mas logo após essa revelação – digamos “dogmática” –, surge a segunda pergunta de Saulo, uma questão que podemos chamar de “prática”: “Senhor, que devo fazer?” (At 22,10). Que comportamentos devo adotar, quais ações devo realizar para ter parte no mistério, ou seja, para entrar nesse grande projeto de Deus que acaba de se revelar a mim? Como posso colaborar para sua plena realização em mim e ao meu redor? Essa também foi a reação das multidões no dia de Pentecostes ao discurso querigmático de São Pedro: “‘Que toda a casa de Israel saiba, com absoluta certeza, que Deus fez Senhor e Cristo a esse Jesus que vocês crucificaram.’ Ao ouvirem essas palavras, sentiram o coração transpassado e disseram a Pedro

e aos apóstolos: ‘Irmãos, que devemos fazer?’” (At 2,36-37). Como cumprir a vontade de Deus?

A vontade de Deus significa, de fato, duas coisas interligadas. Primeiro, refere-se ao desígnio ou projeto de salvação de Deus, ou seja, a esse mistério cujas grandes linhas Saulo vislumbra no caminho de Damasco e que ele jamais deixará de aprofundar e anunciar. Mas a vontade de Deus significa também, em segundo lugar, o conjunto de exigências espirituais e morais que decorrem de nossa participação nesse mistério para a condução diária de nossa vida, tanto pessoal quanto comunitária. Como nos inserir, aqui e agora, no grande fluxo do projeto de Deus, que vai da criação, no princípio, até a Jerusalém celeste? Como colaborar com ele?

O Senhor Jesus dá a Saulo apenas o começo de uma resposta. Ele lhe revela apenas a próxima etapa do percurso ou um jogo de pistas: “Levanta-te e vai a Damasco, e lá te dirão tudo o que deves fazer” (At 22,10). O mesmo método é empregado com o centurião Cornélio, a quem o anjo fornece apenas o endereço de Simão Pedro, convidando-o a chamá-lo até sua casa para obter mais informações (At 10,5-6). Isso significa duas coisas.

Primeiro, destaca-se o papel mediador da comunidade, ou seja, da Igreja (neste caso, Ananias ou Simão Pedro), no discernimento da vontade de Deus para cada um de nós. É Ananias quem revela a Saulo o sentido do que ele acaba de viver e lhe explica suas consequências, assim como, no passado, foi o sacerdote Eli quem ajudou o jovem Samuel a compreender o que lhe acontecia e a responder ao chamado de Deus (1Sm 3,1-10): “O Deus de nossos pais te predestinou para conheceres a sua vontade, para veres o Justo e ouvires a voz saída de sua boca; pois tu serás sua testemunha diante de todos os homens, daquilo que viste e ouviste” (At 22,14-15). Ananias, portanto, revela a Saulo qual é sua vocação específica e de que maneira ele deverá cumprir a vontade de Deus.

Mas a resposta de Jesus – “lá te dirão o que deves fazer” – também compromete Saulo a imitar Abraão, o pai dos crentes, aquele que “partiu sem saber para onde ia” (Hb 11,8), em direção à terra que Deus lhe indicaria a seu tempo (Gn 12,1). Deus não desenrola diante de nossos olhos todo o itinerário de uma só vez. Após a ressurreição, quando os apóstolos gostariam de saber mais sobre os acontecimentos futuros, Jesus lhes responde: “Não vos pertence conhecer os tempos e os momentos que o Pai fixou por sua própria autoridade. Mas recebereis uma força, a do Espírito Santo, que descerá sobre vós” (At 1,7-8). O Senhor nos revela o caminho progressivamente, às vezes dia após dia, gota a gota. Foi assim que, no passado, ele conduziu Abraão, etapa por etapa. Foi assim também que ele guiou Israel durante o Êxodo. “O Senhor ia adiante dos israelitas de dia, numa coluna de nuvem para lhes mostrar o caminho, e de noite, numa coluna de fogo para iluminá-los” (Ex 13,21). “Quando a Nuvem se erguia [...], os israelitas levantavam acampamento; no lugar onde a Nuvem parava, ali os israelitas acampavam” (Nm 9,17). É necessário caminhar no ritmo de Deus, sem tentar avançar à frente (como tentou Pedro² uma vez) nem ficar para trás (como Pedro também, que seguiu seu Senhor à distância).³ Na *sequela Dei*, isto é, na nossa caminhada na presença de Deus, temos à disposição tanto um mapa rodoviário quanto um GPS. Seguamos em mãos um mapa Michelin⁴ com visão geral, e não, infelizmente, um daqueles admiráveis e tão precisos mapas IGN⁵ na escala 1:25.000. Esse mapa nos permite, no entanto, ter uma ideia geral de onde estamos e traçar as grandes linhas

² Mt 16,23.

³ Mt 26,58.

⁴ Os mapas Michelin são mapas rodoviários tradicionais franceses, amplamente utilizados para viagens de carro. Oferecem uma visão geral das estradas e das regiões, com menos detalhes do relevo e da topografia. [N. T.]

⁵ Os mapas do IGN (*Institut Géographique National* – Instituto Geográfico Nacional da França) são reconhecidos por sua alta precisão e riqueza de detalhes, especialmente em escalas topográficas. [N. T.]

da rota que devemos seguir até o nosso destino. Mas também precisamos escutar o GPS, que nos dá as orientações úteis para o momento presente, levando em conta as condições do percurso e outros fatores imprevistos. Essa forma de avançar na vida, de “caminhar humildemente com Deus” (Mq 6,8), aderindo o mais fielmente possível à sua santa vontade, constitui o tema central deste livro.

O Senhor Jesus não revela seus desígnios a Saulo apenas para informá-lo de que ele é o feliz beneficiário dessa graça, como se tivesse ganhado um grande prêmio. Ele deseja também que Saulo se torne parte desse plano, ou seja, que colabore, sob a graça, para sua plena realização. Essa missão sublime, que também é a nossa, exige que conheçamos, ao menos em parte, as intenções de Deus. Preciso saber para agir de maneira adequada. Preciso compreender, ainda que minimamente, os propósitos de Deus para poder assumi-los como meus e cooperar pessoalmente com sua realização. Se os apóstolos foram “mais bem instruídos do que os outros” a respeito do mistério, isto se deu, como explica São Tomás, “porque foram instituídos para colocar em prática esse mistério e transmiti-lo”.⁶ Ao me revelar seus desígnios, Deus me faz seu amigo e, conseqüentemente, cooperador de sua obra. “Já não vos chamo servos, porque o servo não sabe o que faz seu senhor; mas vos chamei amigos, porque tudo o que ouvi de meu Pai vos dei a conhecer” (Jo 15,15).

De fato, o pedido do pai-nosso – “seja feita a tua vontade” – não é, em primeiro lugar, a confissão forçada de uma resignação puramente passiva. Como se a vontade de Deus estivesse em concorrência com a minha e eu, a contragosto, tivesse de me curvar diante de alguém mais forte do que eu. Não! Assim como o *fiat* de Maria na anunciação, a súplica “seja feita a tua

⁶ TOMÁS DE AQUINO, *Commentaire sur la lettre aux Éphésiens*, Cap. 3, l. 1 (éd. Marietti, Turin, 1953, no 141). Salvo indicação em contrário, a tradução francesa dos textos de São Tomás é do autor.

vontade” expressa um desejo ativo, um anseio ardente, no qual me envolvo pessoalmente como colaborador de Deus.

Esse desejo tem, em sua origem, a própria inclinação do Filho ao entrar no mundo. Gerado pelo Pai antes do tempo, ele é, desde toda a eternidade, um puro impulso em direção ao Pai, “voltado para o seio do Pai” (Jo 1,18). No instante único e imutável da eternidade, o Verbo não cessa de brotar do Pai e de mergulhar-se de novo e se consumir no Pai em pura ação de graças. Na encarnação, o Verbo comunica esse movimento filial à sua humanidade santíssima. A humanidade de Jesus – sua alma, sua vontade, seu coração – está, portanto, inteiramente voltada para o seio do Pai, num puro impulso para o Pai. Por isso, “ao entrar neste mundo, Cristo diz: ‘[...] Eis que venho [...] para fazer, ó Deus, a tua vontade’” (Hb 10,5-7). Pois ser filho significa precisamente isso: fazer a vontade do Pai. Ora, a vontade do Pai é que todos os seres humanos “reproduzam a imagem de seu Filho, para que ele seja o primogênito de uma multidão de irmãos” (Rm 8,29). Jesus Cristo, portanto, vem comunicar-nos, no Espírito, seu próprio dinamismo filial, para que, segundo uma fórmula querida aos Padres da Igreja, tornemo-nos pela graça aquilo que ele é por natureza: filhos de Deus voltados para o seio do Pai.

A primeira e mais plena beneficiária dessa graça da adoção filial é Maria, a Virgem Imaculada, a primeira dos redimidos, a primeira configurada a Cristo. Porque é “cheia de graça” (Lc 1,28), a Virgem Maria é, à imagem de seu Filho, puro acolhimento, pura obediência, mas também um desejo ardente de comunicar aos outros algo dessa graça que ela vive em plenitude. Ao entrar na basílica de São Pedro, no Vaticano, à esquerda, na primeira capela lateral, onde são veneradas as relíquias de São Pio X, vê-se acima do altar um mosaico do século XVIII que reproduz uma pintura do artista barroco Giovanni Francesco Romanelli († 1642). O original encontra-se na basílica romana de *Santa Maria degli Angeli e dei Martiri*. A obra

representa a apresentação da Virgem Maria no templo de Jerusalém. Por isso, a capela é chamada de capela da Apresentação. Uma tradição, relatada nos evangelhos apócrifos, conta que, aos 5 ou 6 anos, a Virgem Maria foi conduzida ao templo para viver e ser educada na presença do Senhor. É uma maneira de expressar que, desde o despertar de sua consciência, Maria foi inteiramente de Deus. Ela se entregou sem reservas Àquele cujo amor a havia precedido, e a Santíssima Trindade tomou desde então toda a posse desse Coração Imaculado, que não lhe oferecia resistência alguma. A pintura de Romanelli pode não ser uma obra-prima absoluta, mas impressiona pela maneira como o artista conseguiu expressar o impulso, o dinamismo interior da Virgem. A menina parece, ao mesmo tempo, profundamente recolhida em si mesma e inteiramente decidida, toda voltada e como que projetada para a casa de Deus, cujo caminho lhe é indicado pelo Sumo Sacerdote. Outros artistas chegaram até mesmo a representá-la correndo, voando, subindo as escadarias do templo de dois em dois degraus. A pressa é, sobretudo no Evangelho de Lucas, um sinal da ação do Espírito, que comunica aos homens seu impulso. Foi “apressadamente” que os pastores do Natal foram até a manjedoura (cf. Lc 2,16). Com a mesma pressa, Zaquêu desceu da árvore e recebeu Jesus com alegria (cf. Lc 19,6). Do mesmo modo, após a Anunciação, “Maria partiu e foi apressadamente para a região montanhosa” (Lc 1,39). Maria, em cada instante, entrega-se totalmente ao vivo movimento do Espírito.

O *fiat* de Maria é, portanto, como o eco – e o mais belo fruto já dado – da palavra de Jesus entrando neste mundo: “Eis que venho para fazer, ó Deus, a tua vontade”. Maria é associada a essa oferta de Jesus de maneira completamente única, como se vê na apresentação de Jesus no templo. Maria oferece aquele que se oferece, como ela o fará ainda no Calvário, anunciado aqui pela profecia de Simeão. Ela participa da oferta do Filho. Seja como for, seu *fiat* é o modelo por excelência de nossa colaboração